

Lição 5 – O fascista é um impostor perante si mesmo

Sinésio Ferraz Bueno

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BUENO, S. F. Fascismo, mentira manifesta e fake news. In: *O fascismo em dez lições* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 51-58. ISBN: 978-65-5714-304-9.

<https://doi.org/10.7476/9786557143049.0007>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

LIÇÃO 5

○ FASCISTA É UM IMPOSTOR PERANTE SI MESMO

O desenvolvimento da ciência ao longo do período moderno esteve fundamentado na confiança intrínseca na capacidade da razão de possibilitar o conhecimento objetivo do mundo e de estabelecer parâmetros de natureza ética que possam ser universalizados. Em qualquer área das ciências naturais, e também das humanidades, sempre que conhecimentos críticos e objetivos são produzidos, eles estão fundamentados na confiança tácita na validade da razão como instrumento de conhecimento. A filosofia é a área do conhecimento responsável por estabelecer os parâmetros que permitem legitimar essa confiança intrínseca na razão que é igualmente compartilhada por todas as áreas do conhecimento científico. O filósofo René Descartes foi o pensador que se preocupou com a questão básica de expor os fundamentos de justificação da razão como faculdade válida para a atividade intelectual da consciência. Para o filósofo, os princípios fundamentais do conhecimento são de natureza metafísica, uma vez que, se pensarmos o conhecimento como uma árvore, suas “raízes são a Metafísica, o tronco a Física, e os ramos que saem do tronco são todas as outras ciências” (Descartes, 1990, p.22).

A primazia da metafísica como base do conhecimento foi estabelecida por Descartes após uma engenhosa indagação acerca da confiabilidade da razão para estabelecer uma correspondência indubitável entre a realidade objetiva e as ideias produzidas pela consciência. Guiado por esse objetivo, o filósofo formulou sua conhecida hipótese do gênio maligno, que seria uma entidade sabotadora da atividade intelectual: “presumirei, então, que existe, não um verdadeiro Deus, que é a suprema fonte da verdade, mas um certo gênio maligno, não menos astucioso e enganador do que poderoso, que dedicou todo o seu empenho em enganar-me” (Descartes, 2000, p.255). Em seguida à formulação da hipótese do gênio maligno, Descartes se encarregou de demonstrar a inconsistência dessa entidade imaginária, pois mesmo que o homem fosse permanentemente exposto ao ceticismo em relação a toda a existência do mundo objetivo e dos próprios conhecimentos produzidos na história da humanidade, ele não poderia estar enganado quando adquirisse consciência desse engano: “não há, então, dúvida alguma de que existo, se ele me engana; e, por mais que me engane, nunca poderá fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa” (ibidem, p.258).

Descartes formulou a hipótese do gênio maligno somente para levar a dúvida acerca da confiabilidade da razão às últimas consequências e, dessa forma, demonstrar a inconsistência de uma radicalização hiperbólica do ceticismo. Levada a seu limite, a dúvida é forçada a se dobrar à certeza incontestável da existência da consciência humana como substância pensante. A dissolução do gênio maligno aponta, como único pressuposto lógico da confiabilidade da razão, a existência de Deus como substância eterna, infinita, perfeita e onisciente, e portanto como fundamento absoluto da razão. O homem pode confiar plenamente na razão como sede de ideias claras e distintas, pois a existência de Deus é uma certeza ainda

mais evidente do que a própria existência da realidade mecânica dos corpos dotados de extensão: “as faculdades cognoscitivas não podem nos enganar, já que, nesse caso, o próprio Deus, que é o seu criador, seria responsável por tal engano. E Deus, sendo sumamente perfeito, não é mentiroso” (Reale; Antiseri, 1990, v.2, p.373).

As proposições de Descartes denotam afinidade com outras concepções filosóficas da metafísica, notadamente por conceberem a razão em termos finalísticos. Se a metafísica é a raiz da árvore do conhecimento, então a confiabilidade da razão se justifica na concepção da alma humana como entidade metafísica alicerçada pelo próprio intelecto divino. A correspondência entre a certeza racional e a realidade objetiva deriva da existência de Deus como causa de si mesmo. Dois séculos após Descartes, o idealismo absoluto de Hegel iria levar às últimas consequências a afinidade entre a alma humana e Deus, concebendo os espíritos humanos como veículos de realização do Espírito Absoluto. No sistema filosófico de Hegel, a consciência humana e o intelecto divino existem em uma relação de mediação recíproca, pois quanto mais o homem se aproxima do finalismo divino, mais a consciência humana realiza a autocompreensão racional de si mesma. A mediação entre o homem e Deus implica conceber que a infinidade do Espírito Absoluto é imanente à finitude humana, de tal maneira que a consciência humana é o veículo substancial de realização da consciência de si de Deus: “Deus não pode ignorar a finitude e o sofrimento humanos. Inversamente, o espírito finito não é um alguém, ele supera a si mesmo, atraído constantemente rumo à sua transcendência, e tal superação é a cura possível de sua finitude” (Hyppolite, 1999, p.553).

Uma interpretação atenta do sistema filosófico de Hegel evidencia a história não como um acúmulo aleatório de fatos descontínuos, como uma leitura afinada com o gênio maligno poderia sugerir, mas sim como

desenvolvimento progressivo da razão e da liberdade. Na medida em que a humanidade se dedica à realização de processos formativos do espírito, que sintonizem a cultura humana com a universalidade do Espírito Absoluto, isso implica a realização da autoconsciência progressiva da razão e da liberdade. A oposição dualística entre a finitude humana e a infinitude de Deus dá lugar à concepção do universo como corporificação do Espírito Absoluto, e dos espíritos humanos como veículos de realização da consciência de si de Deus. Conceber a própria existência humana em sentido teleológico, vale dizer, sendo dotada de finalismo metafísico, significa pensar que os horizontes de liberdade somente se realizam em sua plenitude quando o homem adquire consciência de si e sintoniza sua existência histórica com a realização do bem supremo. Em outras palavras, a liberdade no sentido hegeliano do termo não se traduz em simples exercício aleatório do livre-arbítrio, mas como realização consciente de um finalismo ético identificado com a existência racional.

Quando as concepções teleológicas do sistema hegeliano são confrontadas com fatos e processos históricos que explicitam diversas formas de realização de opressão e barbárie, é necessário salientar que para Hegel “a realização da razão não é um fato e sim uma tarefa” (Marcuse, 1978, p.37). A sintonia dos espíritos humanos com o finalismo divino deve ser entendida na forma de potencialidades intrínsecas aos homens, cuja efetivação requer uma confrontação negativa com a realidade histórica. A verdadeira forma da realidade somente poderá ser alcançada à medida que os homens assumirem sua condição de sujeitos racionais e moldarem sua existência pessoal e social segundo os parâmetros da liberdade: “visando desempenhar o seu papel na superação da oposição do mundo ao *Geist*, os seres humanos devem educar a si mesmos, tornar-se capazes de usar a razão, abandonar a vida

imersa na natureza e dominada pelo impulso, ir além de suas perspectivas acanhadas e imediatas rumo à perspectiva da razão” (Taylor, 2014, p.130).

Quando consideramos que, na concepção filosófica de Hegel, o Espírito Absoluto, mediado pelas consciências humanas que são seu veículo privilegiado de realização, percorre etapas absolutamente necessárias para sua evolução e autoconsciência, isso implica pensar que a atmosfera fascista se constitui como momento regressivo a ser superado pela consciência de si. Para o espírito, “conhecer seu erro é conhecer uma outra verdade. O erro percebido supõe uma nova verdade” (Hyppolite, 1999, p.30). A negatividade – vale dizer, a contradição dialética entre os potenciais de racionalidade e liberdade que são próprios ao espírito e a realidade histórica da barbárie – deve ser compreendida como qualidade imanente ao automovimento da consciência de si. Portanto, a contradição negativa faz parte do desenvolvimento necessário da teleologia espiritual. A extrema gravidade do fenômeno fascista consiste em que, sob diversos registros, ao mesmo tempo que os seres humanos são estimulados a regressar ao estado de barbárie, a atmosfera de fanatismo e preconceito gera continuamente elementos que impedem a tomada de consciência acerca da regressão. Isso significa que o fascismo é o maior obstáculo possível à efetivação dos seres humanos como veículo de realização do finalismo metafísico.

Conforme abordamos nos capítulos anteriores, o conjunto de pensamentos e comportamentos preconceituosos que fazem parte da atmosfera fascista não apenas se limita a perpetrar a estigmatização obsessiva da diferença, mas também atua como mecanismo de defesa emocional que impede o indivíduo de elaborar os conteúdos reprimidos que lhe são estranhos e ao mesmo tempo familiares. Em vez de abrir-se a processos formativos que possam educá-los em termos éticos e espirituais, os sujeitos do fascismo

se deixam voluntariamente envolver pela fúria cega do ressentimento que se volta contra as próprias promessas de emancipação contidas na cultura. O cativo da consciência não se alimenta pura e simplesmente de um estado de passividade decorrente da alienação burguesa, conforme muitos teóricos do materialismo dialético costumam sugerir, uma vez que a heteronomia é sedimentada ativamente por mentiras manifestas e opiniões patológicas que se tornam imunes a argumentos críticos. Em outras palavras, o indivíduo assume voluntariamente um papel ativo na reprodução de sua própria cegueira espiritual. É nesse sentido que se pode entender o quanto o fascista é cúmplice de um processo de autoengano emocional e intelectual que pode ser caracterizado como impostura perante si próprio.

No contexto das reflexões sobre indústria cultural e fascismo nos Estados Unidos na década de 1940, Adorno analisou o comportamento dos fãs de bandas de *swing* e *jazz*, que se reuniam em coletivos adoradores das celebridades musicais da época. Eles se autodenominavam *jitterbugs*, expressão significativamente ilustrativa de um comportamento coletivo de admiração fervorosa, passado pela heteronomia sugestivamente associada ao comportamento de insetos atraídos pela luz, conforme indica o próprio termo com que gostavam de ser tratados. O *jitterbug* constitui-se como modelo comportamental perfeitamente adequado não apenas para caracterizar os fãs de música popular, mas igualmente os integrantes de coletividades fascistas em geral. A analogia dos coletivos fascistas com multidões de insetos atraídos pela luz ilustra não apenas a anulação da autonomia individual no interior do grupo, mas também a combinação de frenesi histórico e agressivo, com o ressentimento em relação a potenciais formativos capazes de fomentar a autorreflexão.

Vale a pena lembrar a imagem emblemática perfeitamente adequada para expor o caráter farsesco que é

próprio ao entusiasmo fascista, em sua integração entre fúria e ressentimento: “o fã da música popular precisa ser imaginado como percorrendo o seu caminho com olhos firmemente fechados e dentes cerrados a fim de evitar que se desvie daquilo que decidiu aceitar. Uma visão clara e calma colocaria em perigo a atitude que lhe foi infligida e que, por sua vez, ele tenta infligir a si mesmo” (Adorno, 1986, p.145). Os olhos firmemente fechados e os dentes cerrados sugerem não apenas que o sujeito do fascismo se entrega de maneira emocionalmente forçada a uma hostilidade em relação a potenciais de autorreflexão do espírito, como também indicam que os potenciais de autonomia são historicamente objetivos. Essa atitude corresponde a uma contradição objetiva da própria sociedade burguesa, que estimula a individuação e a autonomia, mas, ao mesmo tempo, nega as condições concretas de realização desses ideais.

A combinação paradoxal das inclinações regressivas do espírito com a existência de condições objetivas de emancipação conduziu Adorno a concluir que o fascismo é alimentado por um comportamento psicológico de impostura, pelo qual o sujeito investe quantidades significativas de energia emocional para se manter em uma condição comparável a um feitiço hipnótico. No interior das coletividades fascistas, o sujeito desfruta de intensa gratificação emocional de origem narcísica, pois pode se imaginar pertencendo a uma comunidade de pessoas mais puras e superiores, e é justamente esse prazer substitutivo que explica o ressentimento que se volta contra qualquer possibilidade de autocrítica: “qualquer tipo de crítica ou autoconsciência é ressentida como uma perda narcísica e provoca fúria” (Adorno, 2015, p.181). Quando as demandas emocionais de regressão estão em contradição com os potenciais de esclarecimento e emancipação que são imanentes ao desenvolvimento do espírito na sociedade

burguesa, o sujeito se entrega a um autoengano emocional e cognitivo que se traduz no estado de impostura frente a si mesmo. Para Adorno (1986, p.146), os fascistas são “atores de seu próprio entusiasmo”.

A análise crítica de Adorno permite compreender a dialética intrínseca ao fascismo, que consiste na existência de potenciais objetivos de emancipação do espírito na sociedade burguesa e, ao mesmo tempo, no esforço realizado pelos sujeitos no sentido de convencerem sobretudo a si mesmos que devem permanecer na condição autoimposta de insetos. O esforço realizado por eles para manterem o autoengano permanece em contradição flagrante frente aos potenciais de esclarecimento imanentes a uma sociedade liberal cultural e tecnologicamente evoluída. Diante dessa contradição objetiva, Adorno (ibidem) constata a existência de uma distância mínima entre o estado psicológico de impostura e sua consciência crítica, e é justamente porque essa distância é tão pequena, constituindo-se como um “fino véu”, que seu rompimento se torna “quase insuperavelmente difícil”. O retrato mais adequado para descrever a dialética do fascismo como uma contradição exposta no interior do próprio sujeito é apresentado mediante duas imagens emblemáticas acerca da impostura psicológica que lhe é própria:

A hipnose socializada cria no interior de si mesma as forças que eliminarão o fantasma da regressão por controle remoto, e que, no fim, despertarão aqueles que mantêm seus olhos fechados apesar de não estarem mais dormindo (idem, 2015, p.188).

Para ser transformado em um inseto, o homem precisa daquela energia que eventualmente poderia efetuar a sua transformação num homem (idem, 1986, p.146).